

338

MUNDO GRÁFICO

204
DEPÓSITO LEGAL
NOV 1941



Carvalho Araujo
a bordo
do "Augusto Castillo"
no combate
heroico
contra um
submarino inimigo
(Aquarela de Martins Barata)



B. B. C.

A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

Sumário

CARTA DE OSBERNO, por Correia Marques

REFLEXOS DO MUNDO

HARRY HOPKINS, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

O DOMÍNIO DO PACÍFICO

OS NÁUFRAGOS DO «CÔRTE REAL»

RECONSTRUÇÃO NACIONAL

A GUERRA SUBMARINA

PERFIL DE TEIXEIRA GOMES

MUSEU DE GLÓRIA

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

A DUPLA VITÓRIA DE TOBRUK

UM CLUB DE SENHORAS

OS RECURSOS DA U. R. S. S., por Carlos Ferrão

CANTAI COMNOSCO!

(Foto de J. Lobo)

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS

A MULHER E O DESPORTO

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

CINEMA, de António Lourenço

SONHO DESFEITO, novela de Eugénio Vieira



Cabeças de raça. Um expressivo tipo português, do Alto Alentejo, com o seu harmónio característico

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



Canelas & Figueiredo, L.^{da}

PRODUTOS COLONIAIS
CORREIAS E MANGUEIRAS
"GOODYEAR"

Telef. 25058

RUA DOS FANQUEIROS, 46 // LISBOA

A CARTA de OSBERNO

por CORREIA MARQUES

Arrumar livros, veio-me às mãos a famosa carta do cruzado Osberno, ácerca da conquista de Lisboa aos mouros, curioso documento que andou muito tempo ignorado do público, até que um inglês obscuro, Cooper de sobrenome, em 1856 a publicou, sob um título que serve de sumário de epistola: — *Expediitio francorum, anglorum et variorum nationum ad obsidendum Ulisiponam in Portugalia tempore Hildefonsi regis, per Osberum.*

A edição, a primeira que do texto completo e respectiva tradução se fez em Portugal, é um dos bons serviços que a Câmara Municipal de Lisboa tem prestado à cultura portuguesa.

Folhei o livro, com mão rápida — que o tempo não é de sobejo para quem muitos instrumentos tem de tanger — e pensei de mim comigo que, sem esforços nem habilidades dialecticas, se podia filiar a aliança anglo-lusa naquele acto de cooperação crida, contra o Mouru Infido. Agora, que há tanto o gosto de filiar feitos e ideias em fundas raízes, este pormenor pode seduzir quem tenha predileção por tal género de trabalhos. Ficariam assim a Inglaterra e Portugal ligados por uma cooperação que vinha desde o alvorecer da Monarquia Portuguesa.

Mas, sem recorrer a tão recuada ancianidade, a aliança anglo-lusa fica ainda bem nobilitada pela idade, pois é a mais antiga de quantas subsistem no Mundo, vitoriosa das vicissitudes do tempo e da fortuna. Foi em 15 de Junho de 1383 que os representantes dos Reis de Portugal e da Inglaterra assinaram na catedral de Londres o tratado de «faithful, constant, mutual, and perpetual friendships, unions, alliances, and leagues of sincere affection», que na opinião do sr. Dr. Alfredo Pimenta («Elementos da História de Portugal», 1984, pag. 37.) foi o início da aliança luso-inglesa, que ainda hoje, através de tudo, subsiste, com vantagens para ambas as Potências.

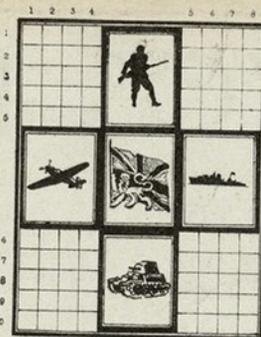
Cremos que esta idade é suficiente para dar prestígio à Aliança, mas pode ser que alguém goste de lhe procurar raízes ainda mais antigas. Elas poderiam buscar-se, sem grande torção da verdade, como digo, na própria tomada de Lisboa, isto é, no alvorecer da Monarquia portuguesa. Não direi como às vezes se escreve, no alvorecer da Nacionalidade, porque esta é bastante mais antiga que a Monarquia; o Rei foi possível, steel, porque já havia a Nação, com personalidade e consciência suficientes para pretender um soberano seu. A revolta dos barões da Entre-Minho-e-Douro contra D. Tareja tomou como pretexto o risco que a influência do Trava exercia sobre a varonil «Tarasia Regina». Já nesse rude Século XII ser galego era ser estrangeiro em Portugal.

O sentido das realidades manteve sempre a aliança no decorrer de tantos séculos de experiência, porque ela corresponde a uma necessidade histórica e política de ambos os países — para ambos os países é vantajosa.

Os últimos Reis de Portugal, D. Carlos e D. Manuel II, dois grandes portugueses, amantes da sua Pátria com desvelo e inteligência, conhecedores da História e da Política do Passado e do Presente e previsores da política do Futuro, foram, na dignificação desta aliança secular, beneméritos obreiros. Sabe-se como a acção pessoal e directa de D. Carlos encavara a Aliança e como orientou com inteligência e patriotismo a obra diplomática do seu grande amigo e cooperador, o marquês de Soveral. E logo o Tratado de Windsor renovava os compromissos britânicos, formulados na letra do tratado secreto de 1561: — «O Rei da Gran Bretanha (...) promete e obriga-se a defender e proteger todas as conquistas ou colónias pertencentes à Coroa de Portugal, contra todos os seus inimigos, tanto no futuro, como no presentes».

De então em diante a Aliança foi a base notória de toda a política externa portuguesa. D. Carlos, desgostoso da política interna, que o sistema constitucional lhe furtava para a entregar aos Partidos, dedicava o seu alto espírito à política externa e, dignificando-a, criava ao País um ambiente internacional magnífico, cheio dum prestígio, que os portugueses de então nem sempre compreenderam e raras vezes ajudaram. Ler os jornais do tempo, quando comentavam os actos exteriores dessa política, lê-los, hoje, à luz dos acontecimentos decorridos e da situação ora existente em Portugal e no Mundo, faz pasmar de como a inconsciência e a paixão assim desviavam os homens, mesmo os responsáveis pela orientação da política e da opinião.

O Tratado de Windsor conservou-se secreto. A Alemanha só teve conhecimento dele, em 1913, nas vésperas da Grande Guerra e quando o recrudescer duma agitação interna desviada, dava outra vez à Europa a impressão de que se podia pensar numa liquidação do velho Portugal. Não nos conhecia o Mundo e não supunha que a restauração das Instituições e Funções do Estado Português haviam de restaurar tão depressa um prestígio, que faria respeitar os direitos históricos de Portugal.



PROBLEMA N.º 26

HORIZONTAIS

- 1 — Correm velozmente; Intuito.
- 2 — Alarga; Imagem pintada da Virgem ou dos Santos, na Igreja Grega.
- 3 — Sincero; Lâmina de madeira com que se comprime, por meio de ligaduras, a parte do corpo que foi fracturada.
- 4 — Aroma; Rezaí.
- 5 — Flor; Adição.
- 6 — Castiça; Nome de árvore.
- 7 — Dar ensejo; Formosa.
- 8 — Fiz desaparecer; Estar esperançado.
- 9 — Abertura de fossos, trincheiras ou subterrâneos — Falo.
- 10 — Flancos (de um exército); Gostes.

VERTICAIS

- 1 — Mérito; Excede.

- 2 — Sinal que servia para notar à margem as passagens duvidosas ou erradas dum livro; Frequentemente.
- 3 — Jarro (planta) (pl.); Plano inclinado.
- 4 — Méloia; Cantigas.
- 5 — Narrações dos tempos fabulosos ou heróicos; Grande quantidade.
- 6 — Indivíduo cujas elevadas pretensões resultaram em desastre; Tecido de seda lustroso e macio.
- 7 — Rebolam; Escolhe (por meio de votos).
- 8 — Salvo-conduto; Inulgares.



Solução do problema n.º 25

D. Manuel II teve um reinado curtíssimo e constantemente preocupado com a restauração da ordem pública e do poder. Nesse sentido fez o Rei esforços, que a loucura das facções havia de inutilizar de maneira tão desastrosa. Na política externa manteve o jovem monarca a orientação de seu Pai. E ainda no exílio, com a discreção que a situação impunha, trabalhou com desvelado zelo e alta inteligência no mesmo sentido. Todos canhechem as instruções que durante a Grande Guerra dava aos Chefes da política monárquica, no que respeitava a atitude, não só dos seus partidários, mas de todos os portugueses, perante a Aliança luso-britânica. D. Carlos escreveu numa carta a José Luciano de Castro: — «Apelo franco e decidido na Europa não o encontraremos em nenhum país como na Inglaterra» («As Cartas de El-Rei D. Carlos ao sr. João Franco», por António Cabral, pag. 66). Por esse pensamento se norteava D. Manuel II.

Nas célebres entrevistas que o sr. Presidente do Conselho, em fins de 1932 deu a António Ferro e em que expôs de maneira tão notável o seu pensamento e o seu plano na política interna e externa, disse: «A política internacional de Portugal é a mesma de sempre. O maior respeito diante de todos os povos, que nos respeitem, e a maior fidelidade à nossa velha aliança, cada vez mais estreita, com a Inglaterra. E' curiosa esta aliança de dois países com mentalidade e modo de ser tão diversos e que, pela força dos mútuos interesses que ajusta, consegue durar tantos séculos. Pouco sentimental, nesta como noutras matérias, eu não me contento, porém, nem com a antiguidade da Aliança, nem com as expressões excepcionalmente amigas dos discursos diplomáticos. Efectivo, consciente e consciencioso amigo da Inglaterra; como poucos governos o terão sido em Portugal, trabalharei porque a aliança seja mais do que flor de retórica e tenha um conteúdo serio de interesses económicos, financeiros e políticos, claramente considerados e equitativamente satisfeitos».

Eis o ponto em que está esta aliança secular, que vem dos tempos do Rei Formoso, se não a quiserem recuar até à tomada de Lisboa. Tudo isto me sugeriu o folhear da narrativa do cruzado Osberno. Vou pôr ponto no artigo e pôr o livro na estante.

REFLEXOS DO MUNDO

O aniversário de Gandhi

Gandhi fez no princípio do mês de Outubro 72 anos.

O extraordinário do caso não é o facto do seu aniversário, mas a maneira como o festejou. Nem festas de estrondo, nem

discursos bombásticos. Nada disso! O mahate consagrou o dia em que veio ao mundo trabalhando, durante uma hora, numa fiação em massa! O mais naturalmente do mundo como se vê.

Gandhi recebeu presentes de tecidos e meadas de fio vindas de todos os pontos da Índia, calculando-se que estes atinjam o comprimento de 13 milhões de metros.

A última carta

Entre os escombros de uma casa londrina foi encontrado o cadáver de

uma linda rapariga, esmagado entre duas traves fumegantes.

A sua mão crispada segurava uma carta inacabada.

Era dirigida ao noivo, da marinha real. Contava-lhe ela as impressões que se sucediam no seu espirito durante as fases dum bombardeamento aéreo. Inalterável, calma, a sua mão escrevia, escrevia sempre essa carta que devia ser a última mensagem de amor, a mais bela e a mais triste.

A última frase, entre o crepitar da metralha mais perto e o fogo que a cega num clarão infernal, é bela e simples de ternura e de emoção. — «Escrevo-te, meu querido, para que tu, mesmo

ausente, me acompanhes sempre com a tua coragem».

Uma frase que vale um poema e que poderia ser gravada na pedra tumular desse botão que não chegou a florir.

50 mil libras



dos da fortuna os abençoem.

Lord Nuffield, director da companhia de automóveis «Morris» entregou à esposa do Primeiro Ministro a quantia de cinquenta mil libras estrelinas para auxiliar a Cruz Vermelha Aliada que a Senhora Churchill patrocina.

O grande benemérito tornou-se credor da admiração do mundo. A ele se deve — já o lembrámos — a oferta aos hospitais ingleses de numerosos pulmões de aço, que tantas vidas têm salvo.

Casamentos de guerra



Serão possivelmente felicíssimos...

Estas raparigas muçulmanas ficaram órfãs em virtude dos bombardeamentos inimigos.

O Ministério tomou conta delas. A ele se dirigiram muitos solteiros, solicitando que lhes fosse concedido escolher noiva entre as referidas órfãs.

Os casamentos foram apadrinhados por vários jornalistas.

Anunciam do Cairo que a estes outros casamentos da mesma espécie se seguirão.

Correio estratosférico

Desde 9 de Julho de 1940 o serviço postal aéreo liga pela estratosfera a costa atlântica dos Estados Unidos com a costa do Pacífico.

São nada menos de 4.180 quilómetros que os aviões vencem em pouco mais de 12 horas transportando passageiros e principalmente grande volume de correspondência que deve chegar ao seu destino com urgência.

Nesta época de vertigem tudo é feito para se perder o menor tempo possível. Cada vez se encurtam mais as distâncias.

O que sairá desta guerra no domínio da aviação?

O homem não se satisfaz com as velocidades que já atingiu no espaço.

Os records são ultrapassados dia após dia.

A estratosfera é a grande via de amanhã entre os continentes.

Um amou fotogénico

Áquela simpática Deanna Durbin, a quem chamavam a «noiva do mundo», mas que recentemente se casou com Paul Vaughan, foi castigada pela companhia cinematográfica Universal Films. Para se vingar, a linda estrela resolveu não trabalhar.

Deanna Durbin, porém, não deve ter feito greve por mal. O seu amou foi simplesmente um ensaio, tal qual o poderia fazer em frente da objectiva. Fez beicinho, mas ficou ainda mais irresistível. Ninguém resiste às lágrimas de uma mulher, tanto mais quando ela se chama Deanna Durbin.

Ora digam lá se não é falta de gentileza castigar uma rapariga tão bonita?!

Entre o céu e a terra



O avião americano Hopkins deve ter conhecido, durante alguns dias, uma espécie de céu abertor, se não fosse o temor de nele perder a vida...

Enquanto voava no seu avião,

Hopkins viu-se forçado a aterrar no pico de «Devils Tower» que tem algumas centenas de metros de altura, e fôra escalado apenas por sete alpinistas. Era o seu ninho de água.

A' volta d'ele, nas faldas da montanha, juntou-se verdadeira multidão, até que dois homens após muitas tentativas conseguiram trazê-lo de novo à terra.

MUNDO GRÁFICO

COMPRAM-SE OS N.ºs 7, 8, 9 e 10 DESTA REVISTA

Resposta à administração de MUNDO GRÁFICO, L.ª

A máquina de escrever mais portátil do mundo!

HERMES baby



Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Concelção 46, L.ª E. Telefone 21672 — LISBOA

NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUCRS., Largo S. Domingos 50 e Fidal. Rua dos Clérigos 8. Telefones 235 e 2352 — PORTO

Quere ganhar dinheiro?
Anuncie no MUNDO GRÁFICO



HARRY HOPKINS

HARRY Hopkins é, talvez, no tempo atormentado em que vivemos, o homem que está ao corrente de todos os segredos da vida internacional. Ninguém, como ele, revelou através a sua carreira feita de esforço e dedicação pessoal, uma discreção que resiste às tentativas mais audaciosas e às seduções mais alicianças.

Hopkins não é apenas o confidante do Presidente Roosevelt, como o coronel Nurse era o confidante do presidente Wilson. E', ao mesmo tempo, um conselheiro calmo e seguro cujas opiniões e pontos de vista pessoais se reflectem com perfeita fidelidade, em numerosos actos do chefe da nação americana.

Filho duma família pobre, os seus primeiros anos foram vividos no meio de dificuldades.

Foi em 1928 que Harry Hopkins travou conhecimento com Franklin Roosevelt que, pouco depois, era eleito, pela primeira vez, para a suprema magistratura política dos Estados Unidos. A sua colaboração tornou-se, desde logo, imprescindível. A preparação e o começo do «New Deal» foram, em grande parte, o produto da iniciativa de Harry Hopkins. O Presidente confiou-lhe o encargo de superintender na distribuição dos subsídios de desemprego que atingiram as somas fabulosas de milhões de dólares.

No desempenho dessa tarefa suscitou muitas inimizades. Mas não impediu a sua nomeação, em 1933, para ministro do Comércio, cargo em que se conservou pouco tempo. Instalado na Casa Branca, onde teve sempre aposentos reservados, o Presidente, a partir de 1929, começou a solicitar a sua colaboração para os assuntos de política externa e de rearmamento.

Na solução desses assuntos a sua capacidade de realização têm-se apegado definitivamente. As suas visitas a Londres e as conferências que teve com os homens de Estado britânicos estão na origem do auxílio americano à Gran-Bretanha e do encontro do Atlântico. A viagem que fez a Moscovo preparou a reunião tripartida que há pouco se realizou na capital da U. R. S. S.

CRÓNICA INTERNACIONAL

O Imperialismo Britânico

É o conceito de lei que define as nações, o sentido de justiça e de respeito mútuo que caracteriza os impérios. Frequentemente, emprega-se a palavra imperialismo para traduzir ideias diferentes e, até, em muitos casos, opostas. Os homens do nosso tempo herdaram essa pecha do século XIX e continuam a praticar, no terreno intelectual e político, uma confusão perigosa para a defesa dos seus verdadeiros interesses. Os críticos do imperialismo não sabem distinguir entre um movimento irreprimível que abriu todos os continentes para a aplicação do princípio da divisão mundial do trabalho, e a actividade belicosa e parasitária com que os objectivos restritos duma nação pertendem sobrepôr-se aos direitos inalienáveis das outras.

Estas concepções, a que correspondem acontecimentos que a história regista e factos de que nós próprios somos testemunhas, não têm de comum. Sem a compreensão exacta dos motivos profundos que as separam não é possível compreender a evolução do mundo nos tempos modernos.

Os pioneiros da idade contemporânea, que abriram os continentes inexplorados ao regime da ordem e ao primado da lei, continuaram a obra dos navegadores que três séculos antes afrontaram o mistério dos mares e se arriscaram na crista das ondas alterosas. Foram eles que, facilitando a divisão do trabalho e organizando a distribuição da riqueza, contribuíram para melhorar, em proporções inesperadas, o nível de vida geral e aumentaram, até um limite imprevisível, o número dos povos que se governam a si próprios e dirigem, com independência, os seus destinos.

Esses pioneiros conquistaram os impérios onde os concessionários recolhiam os primeiros benefícios. Em pouco tempo, porém, era apenas a recordação dos primeiros que perdurava. A prosperidade crescente, regulada por instituições de ordem e de legalidade, fazia nascer nações independentes que adquiriam, rapidamente, a força necessária para resistir a todas as tentativas de exploração e para repelir todos os ensaios de vassalagem.

O caso da Inglaterra é típico. Trata-se dum país que não possui os recursos naturais indispensáveis ao sustento da sua população. Há quem suponha que é a força da sua esquadra ou o poder da sua organização política que lhe entregam as matérias primas e os produtos alimentícios de que precisa para cobrir esse «déficit» de produção? Nada mais errado. A Inglaterra compra, nos seus domínios ou nas suas colónias, tudo aquilo de que necessita pelos preços estabelecidos no mercado livre. É preciso ser ignorante ou ingénuo para supôr que entre as diversas partes do Império britânico está organizado um sistema de exploração preparado para o benefício exclusivo da metrópole. O povo britânico vive e prospera em regime de interdependência com as restantes parcelas da comunidade imperial porque a mesma regra legal e o mesmo espírito de tolerância e de compreensão mútua regulam os actos de todos.

É preciso não esquecer que onde os imperialistas possuem a América do Norte, existem hoje os Estados Unidos e o Canadá, que o general Smuts se bate ao lado da Gran-Bretanha, que os nacionalistas hindus são partidários decididos da causa britânica e que a independência do Egipto é uma lição permanente que todos podem aprender com proveito.

O OBSERVADOR

A conquista de Lisboa

Lisboa rejuvenesceu oito séculos!... Não há muitas cidades do mundo, que se possam orgulhar de tal braço multi-secular. Olha-se o velho castelo, agora reintegrado, e pode dizer-se: ali arde a chama da Pátria. E nunca mais foi de ninguém esta Lisboa orgulhosa, hoje como ontem, na fé patriótica das suas gentes. Subir ao castelo, alcáçova moirisca em 1147, por onde andou D. Afonso Henriques, de espada nua, com os seus barões ingleses, é o mesmo que subir até ao altar da Nacionalidade. Mas primeiro há que parar um instante na velha Sé, da qual foi primeiro bispo, o célebre cruzado inglês D. Gilberto Hastings. São tantas as comuns recordações dos dois povos, que basta uma data para que a sua amizade rutila. Até o nome do castelo, São Jorge! grito que mais tarde a Ala dos Namorados devia lançar ao inimigo, nos campos da independência em Aljubarrota — é mais que um signo, um símbolo!

Há um ano



Precisamente em 27 de Outubro de 1940. Liase no Munchen e Narchichten:

«Os trabalhos preliminares da construção do novo continente europeu estão agora quase concluídos. São poucos os problemas que ainda restam por resolver no continente. Seja-nos permitido afirmar, uma vez por todas, que a posição da Rússia não é a que os ingleses e os americanos supõem. As relações germano-russas já foram postas à prova, com êxito, quer na constituição do Pacto Tri-Partido, quer na implantação de Nova Ordem no Sudeste europeu. As bases em que assenta o Pacto firmado em Moscovo no mês de Agosto de 1939 podem ser consideradas como alicerces da Nova Ordem Mundial.»

Por sua vez o posto emissor de Zeelen, afirmava:

«Quando a Alemanha entrou na guerra, em 1939, e a Itália, em 1940, ambas tinham reservas suficientes para enfrentarem qualquer falta de géneros. Com o alastramento da guerra as duas nações aliadas tomaram sob a sua protecção a maior parte da Europa, garantindo assim os alimentos necessários não só para os seus habitantes, como para quasi todos os povos europeus.»

E, o microfone de Breslau: «O povo britânico atravessa agora a mais grave crise da sua existência; enfrentado pelo inverno, pela fome, pela doença e pela morte, a sua causa já está perdida.»

1941. A Inglaterra está mais forte do que nunca. A Alemanha encontra-se em guerra com a Rússia. Nos países ocupados sucedem-se os fusilamentos.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade de «Mundo Gráfico, L^{da}»

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O GRANDE PRESIDENTE FRANKLIN ROOSEVELT NUM DOS SEUS NOTÁVEIS DISCURSOS EM QUE PROCLAMA A LIBERDADE DO MUNDO

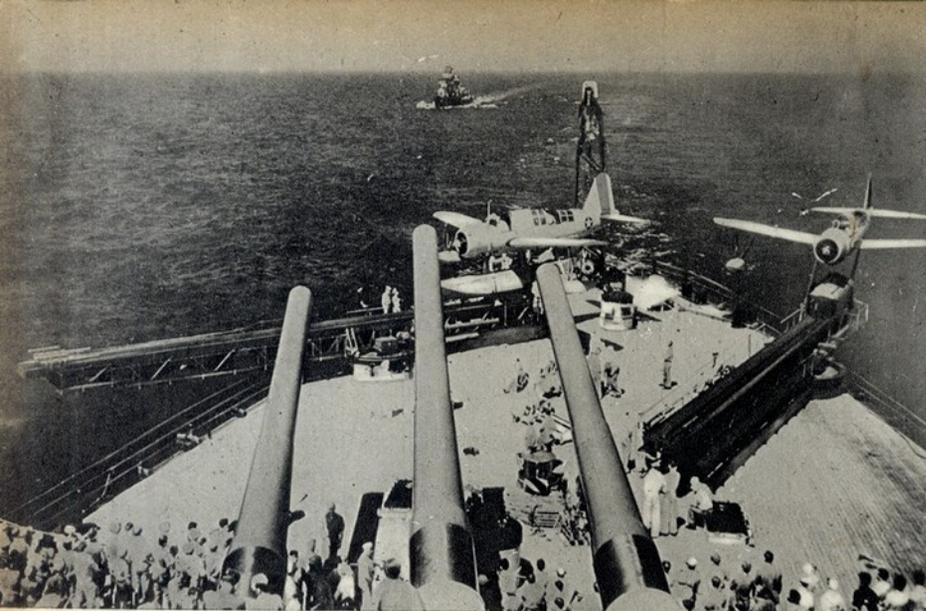
O DOMÍNIO DO PACÍFICO

As hostilidades vão alargar-se ao Pacífico? Se isso acontecer, trata-se sobretudo duma guerra naval e aérea em que a esquadra e a aviação dos Estados Unidos desempenharão o papel principal. Em Washington não têm dúvidas quanto à eficiência duma acção militar a emprender naquelas paragens. Se ainda ha-

via algumas dúvidas, a entrevista Roosevelt-Churchill encarregou-se de as dissipar.

Os Estados Unidos constroem, rapidamente, a sua esquadra dos dois Oceanos. E' possível, e até provável, que os japoneses pretendam antecipar-se à realização integral dum programa de construções

que dará aos norte-americanos uma supremacia esmagadora no mar. Entretanto, o ano de 1941 viu aumentar a lista dos seus navios de linha com cinco novas e poderosas unidades. Esse ritmo, longe de se atenuar, tende a aumentar. E' sobretudo de unidades desse tipo que os adversários eventuais no Pacífico precisam



Uma fortaleza de aço. A ré do gigantesco couraçado de 35.000 toneladas "Nort Carolina, que pela sua vastidão é um verdadeiro aeródromo. Os canhões dos Estados Unidos preparam-se para fazer fogo

para se imporem ao respeito do adversário ou para o dominarem, caso o conflito venha a estalar.

A Gran-Bretanha e os Estados Unidos têm um plano de acção comum para enfrentar as dificuldades actuais no Extremo Oriente. Esse plano consiste em deslocar para o Pacifico alguns navios que actualmente prestam serviço no Atlântico e no Mediterrâneo; assegurando uma superioridade decisiva em relação aos efectivos navais de que o Japão pode dispôr.

E a batalha do Atlântico? Ingêleses e americanos preparam-se para dar às forças aéreas um papel cada vez mais importante para a sua liquidação rápida. A aviação americana dispõe, actualmente, de excelentes bases na Groenlândia e na Islândia, o número de aparelhos britânicos em operações entre estas ilhas e as costas da Gran-Bretanha aumenta inces-

santemente, ao mesmo tempo que se alarga o seu raio de acção. A batalha do Atlântico, com o decurso do tempo, tende a transformar-se num problema de superioridade aérea. Esse problema é de solução tanto mais fácil quanto mais vasta for a tarefa que a manutenção duma frente oriental impuzer às forças aéreas do inimigo. A colaboração da flotilha de contra-torpedeiros anglo-americanos, operando já em comum, assegura aos comboios britânicos a protecção necessária e às ilhas britânicas o reabastecimento indispensável à manutenção dêsse bastião da defesa do hemisfério occidental. A sua acção basta para assegurar a eficácia do bloqueio, se lhe adicionarmos algumas unidades mais poderosas. Desde o afundamento do "Bismark", a esquadra alemã conta apenas com um navio de linha: o "Tirpitz". Dispõe, além disso, dum número restrito de cruza-

dores de várias tonelagens (pesados e ligeiros) mas não conta com o "Scharnorst", nem com o "Gneisnau", (mais modernos de 26 mil toneladas) que continuam imobilizados em Brest sob a vigilância aturada dos observadores da R. A. F. Se o "Tirpitz", se aventurasse no Atlântico, era quasi certo que teria a mesma sorte do "Bismark".

Em resumo: as unidades navais anglo-americanas no Atlântico têm uma função puramente defensiva enquanto a acção ofensiva está confiada à aviação dos dois países; não existe qualquer perigo sério a enfrentar contra uma esquadra de superfície do "eixo", devendo apenas considerar-se a hipótese duma saída do "Tirpitz". Uma parte considerável das forças navais que a Inglaterra e os Estados Unidos mantêm no Atlântico pode ser deslocada, sem risco, para o Pacifico onde a sua presença se torna bem mais útil.

Assim a superioridade naval anglo-americana tornar-se-ia esmagadora no Oriente. Tanto o Japão como os Estados Unidos, encarando a possibilidade de se baterem num mar imenso onde as bases de abastecimento estão a enormes distâncias, descuraram as construções aeronauticas para concentrarem quasi exclusivamente os seus esforços na realização de programas navais gigantescos. Mas enquanto os norte-americanos se encontram em condições de recuperar o tempo perdido pela utilização, em pleno, do seu potencial industrial, o Japão luta com a falta de matérias de primas, de pessoal especializado e de instalações adequadas.

Se os japoneses não remediarem êsses inconvenientes, o domínio do Pacifico pertencerá ao país ou ao grupo de países que se assegurarem uma larga margem de superioridade em navios de superfície. A esquadra dos Estados Unidos, com as unidades que a Gran-Bretanha tirar do Atlântico, está em condições de realizar eficazmente êsse objectivo.



As Indias holandesas em armas. O seu Exército está preparado para repelir tôdas as tentativas de invasão



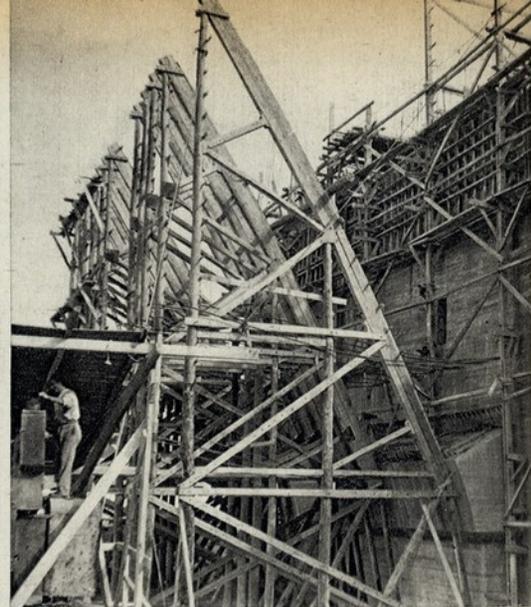
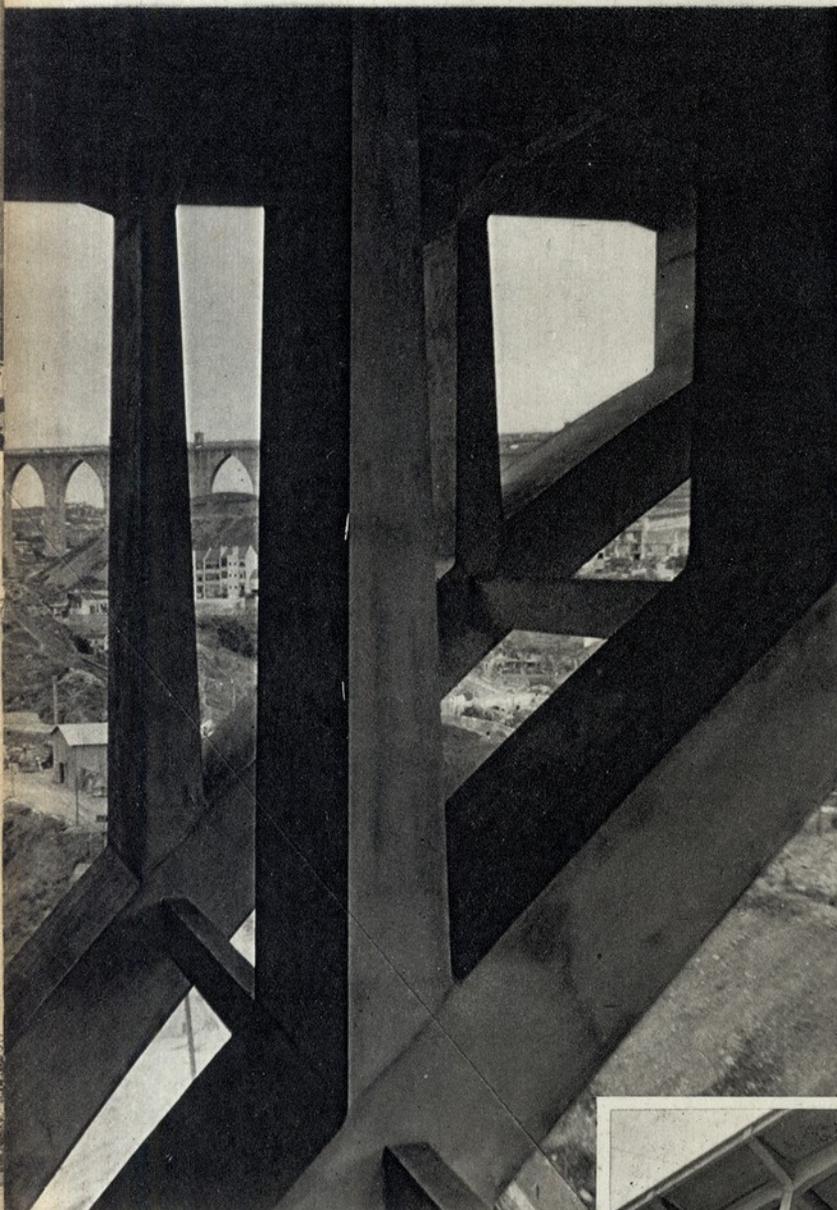
Eis as baionetas de aço que guardam a Austrália num parapeito invencível. A legenda gloriosa dos seus filhos prova que eles são dos melhores soldados do Mundo



OS NÁUFRAGOS DO "CORTE REAL"

Pela terceira vez, um navio de Portugal, país neutro, é torpedeado. Ao "Exportador I," e ao "Ganda," este com vítimas, juntou-se agora o "Côrte Real," afundado por um submarino alemão, entre a metrópole e o arquipélago dos Açores. Toda a nação portuguesa condena com a mais profunda indignação esta inqualificável violência.

RECONSTRUÇÃO NACIONAL

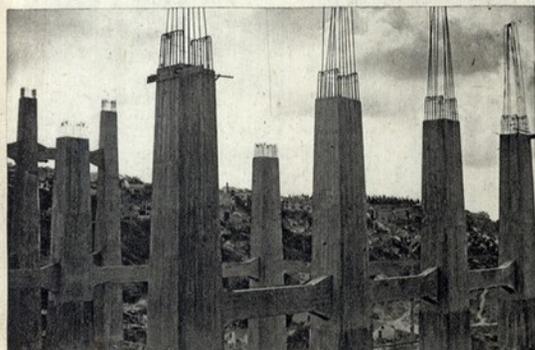


A armação em madeira para a construção do arco central, que é o maior dos três



O vale de Alcântara, fenda geológica que impedia o desenvolvimento da cidade, está, enfim, vencido

Duas épocas de construção. Ao fundo, o velho aqueduto das Águas Livres. No primeiro plano, um pormenor da robusta estrutura em cimento de um dos arcos da ponte do vale de Alcântara



Os pêgões da ponte para apoio do tabuleiro que assenta sobre os três arcos. A sua curiosa construção lembra os «derricks» dos poços petrolíferos



A obra gigantesca prossegue rapidamente. Já se gastaram milhares de toneladas de cimento nesta construção admirável que liga a cidade aos seus arrabaldes ocidentais



O sr. Teixeira Gomes depois de prestar o seu compromisso de honra como Chefe do Estado

PERFIL DE

TEIXEIRA GOMES

FOI em Outubro de 1923. Manuel Teixeira Gomes desembarcava em Lisboa do cruzador inglês "Carysford", e entrava no Palácio de Belém. Ia ocupar a suprema majestatura da nação, honra que não solicitara por não ser político, mas função que ia desempenhar com aquêle aprumo, elegância requintada, dignidade e prestígio pessoal que o levava à embaixada de Portugal em Londres.

Vinte e seis meses depois, o espartano que consigo trazia idéias limpidas e calmas, reflexo natural do seu espirito, e a projecção luminosa de larga estadia em terras onde a consciência cívica é o mais forte esteio duma nacionalidade, abandonava o cargo. Ia minado por desilusões, vencido pelos dissídios e pelo deavairo dos homens.

Activo, alheio a conciliábulos, senhor de uma espiritualidade que não o fazia, no entanto, perder o contacto com a vida pública, Teixeira Gomes abandonava voluntariamente as funções sem culpar ninguém, afirmando assim o raro equilíbrio moral e mental de que sempre deu provas através da sua existência cheia de isenção e dignidade. Mas, se o homem saiu vencido voluntariamente, por nunca se ter desmentido, o escritor, o filósofo, o idealista, o artista sútil do "Agosto Azul", do "Miscelanea", e do "Regresso", o crítico de arte que se impressionava ante tudo quanto representava beleza, ia, talvez, mais forte — sereno como os seus gestos, calmo como a vida que sempre pretendeu, correndo o mundo de lés-a-lés.

O escritor-poeta do "Inventário de Junho", o homem aparentemente frio mas de estranha sensibilidade que desenhou com formas nuas de verdade as figuras dos seus livros, partiu a caminho de Oran num pequeno barco — o primeiro que se lhe ofereceu para largar a terra.

Os anos passaram.

Teixeira Gomes, mal compreendido na elegância sem afectação da sua figura, não quis voltar a Portugal. Nunca, porém, esqueceu a sua terra como não se olvidou dos seus amigos e das suas relações, com todos mantendo correspondência assídua, agora para lhes mandar cartas que são primores literários, mais logo para dizer que cedia aos Museus grande parte do que tinha na sua "Gibalta".

Como diplomata foi figura de incontestado prestígio; como Chefe do Estado, homem de estranho aprumo e dignidade; como crítico de arte, alguém que sentiu intensamente; como escritor, figura que não tem paralelo nas letras nacionais.

A sua prosa — como disse alguém — escorria claridade livre e capiosa, como qualquer coisa de humanamente vivo. Não diluiu nem exagerava as figuras; a razão guiava-o sempre com um sorriso de calma e de implacável ironia.

Se assim foi como escritor, o mesmo exemplo nos ofereceu como diplomata; a mesma dignidade nas patenteou como Chefe de Estado.



A sua primeira viagem presidencial ao Porto

MUSEU DE GLÓRIA



A escala humana perde-se no meio das figuras grandiosas

O Terreiro do Paço não é, apenas, a praça monumental, a sala nobre de recepções de uma cidade imponente que cativa e deslumbrava o visitante. É dos lugares mais famosos e evocativos de Lisboa, sugestivo na serena expressão de grandeza e impressionante pela harmonia do traço arquitectónico e pela beleza incomparável que lhe serve de fundo e do panorama que se desdobra na sua frente, desde a enseada amena, o estuário magnífico aberto em círculos luminosos, até aos contornos sinuosos dos montes esbatidos nos horizontes claros. Aquela praça de arcarias simétricas, magestosa, coroada pela estátua magnífica a que o arco da Rua Augusta serve de moldura na perspectiva solene, já no século XVI era «um nobre e desafogado logradouro, ufania da população e adorno da cidade».

O terramoto de 1775, que «destruiu inteiramente o paço da Ribeira e danificou muitíssimo o terreiro», alterou-lhe, por completo, a fisionomia, bem diferente, na sua arquitectura irregular, da actual Praça do Comércio, delineada e construída no plano de reedificação do burgo, segundo a concepção pombalina.

De uma beleza simples, em que o admirável motivo arquitectónico (tipo de arcada ou suportal) adquire uma expressão de nobreza, destacada no conjunto de linhas geométricas, mas de suave e primoroso equilíbrio, o amplo recinto tem um aspecto magestoso, que o arco como timbre armorial, no centro da fachada norte, os torreões avançando sobre a praça e o monumento central enaltecem.

A estátua de D. José, trabalho famoso de Machado de Castro, que é das mais belas e a mais imponente de quantas se ostentam nos lugares pú-

blicos da capital, assenta num pedestal rodeado de soberbos grupos escultóricos, em alegoria triunfal.

Sobrepõe-se-lhe, ao fundo, o magestoso arco aberto para a rua Augusta, e destacado em primoroso relevo na mancha colorida e rutilante do casario que sobe do vale pelas colinas. O arco, que remata o plano da grandiosa praça e floresce nas pompas do estilo geral, é da maior correcção e elegância, em todo o conjunto arquitectónico. Cresce em colunas graciosas de capiteis em ramagens entrançadas. Sobre a curva alrosa, o escudo das quinas e um colossal grupo alegórico, que representa a Glória coroando o Génio e o Valor, obra magnífica do escultor Camels, e ostenta na base a inscrição: «VIRTVTIBUS MAIORUM VI. SIT. OMNIBVS. DOCUMENTO. P. P. O.

As duas figuras laterais, alegorias ao Tejo e ao Douro, e as quatro estátuas, que representam Viriato, Vasco da Gama, o marquês de Pombal e Nuno Álvares Pereira, são de Vitor Bastos.

E Lisboa, em troca desse sorriso, cinge-lhe a fronte com uma corôa de louro, que o Sol, ao entardecer, cobre com o véu de ouro pontado a diamantes. As suas proporções excedem a medida humana. Os grandes vultos escultóricos dominam com as suas figuras ou os seus símbolos a arcada monumental. É com risco da vida que os operários, verdadeiras formigas, escalam aquela gigantesca construção, onde o braço dum estátua é maior que um homem de pé, e uma mão verdadeira mais pequena que qualquer dedo do velho Tejo de pedra que, com as suas barbas copiosas, vê em frente o estuário magnífico do rio tutelado.



Estes gigantes de pedra são heróis de Portugal



É ele o guarda deste museu de glória que coroa a cidade



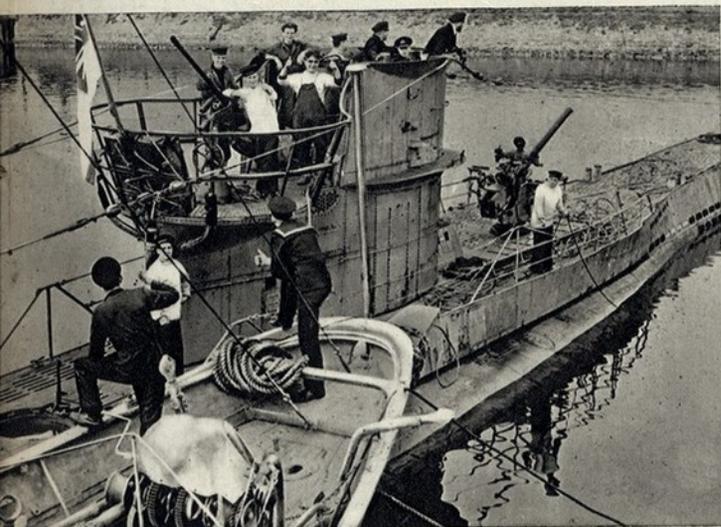
O escalador de estátuas não tem medo das vertigens



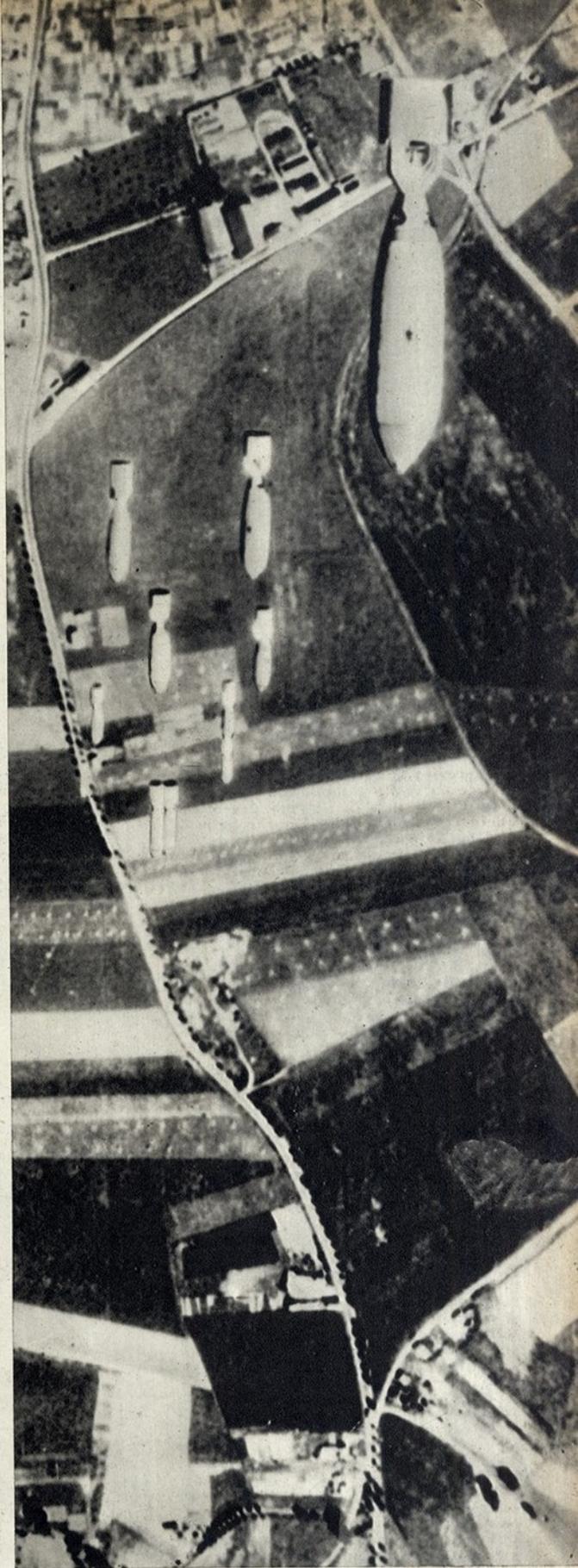
Os raros aviões inimigos que, de noite, tentam sobrevoar a Inglaterra são destruídos. A radiolocalização, a defesa contra-aeronaves e o grandioso exército britânico do ar interceptam ou repelem as fugazes tentativas. Eis um "Heinkel III" abatido junto da costa da Gran-Bretanha



A façanha gloriosa do submarino francês "Le Jour de Gloire". Depois de ter afundado um navio alemão de 4.000 toneladas, foi atingido por bombas de profundidade, que o impediram de tornar a submergir. Navegando à superfície durante três dias, em águas inimigas, conseguiu alcançar a base, na Inglaterra



O famoso submarino alemão capturado por um "Hudson", chega a uma base inglesa arvorando, já, a gloriosa bandeira do Império. É a primeira façanha do gênero realizada no decorrer desta guerra. O submersível dentro em pouco ingressará nas forças navais inglesas



As bombas da R. A. F. rontinua a chover sôbre a Alemanha, a Itália e os países ocupados. Estes poderosos fusos de aço, caem em revoadas sôbre uma estrada militar a Norte da França com a precisão geométrica que esta esplendida fotografia assinala



Churchill, o grande ministro inglês, não precisa de escolta nem guarda de honra. Ei-lo nas docas de Londres conversando familiarmente com os operários

Memórias de Churchill

A CAMINHO DA FRENTE

É preciso que o leitor se não esqueça de que eu vou a caminho da frente. Depois de sete dias de viagem, desembarquei na estação de Nowshera, testa da linha para o corpo expedicionário de Malakand. Tive de percorrer ainda quarenta milhas, em plena planície, por um calor sufocante, numa «tonga», espécie de carruagem puxada por «ponies» que se mudavam até começar a encosta que conduzia ao passo de Malakand. Este desfileiro tinha sido ultrapassado, três anos antes, por Sir Bindon Blood. Era nele que se tinham instalado o Estado Maior do corpo expedicionário e uma brigada que reunia contingentes de todas as armas. O general tinha-se ausentado. Seguia com uma coluna volante a fim de chamar à razão os Bunerwals, uma tribo formidável que dominava os vales vizinhos onde se mantinha já há alguns séculos.

Em 1863 o governo imperial enviara uma expedição a Buner o que dera lugar à campanha de Umbeyla. Os Bunerwals resistiram, com uma coragem extraordinária: os esqueletos de centenas de soldados estendiam-se ainda ao longo do fumoso Crag Picquet, tomado e retomado diversas vezes.

Cinco dias bastaram ao general para dominar os Bunerwals. Esses cinco dias pareceram-me muito longos. Procurei empregar o tempo o melhor possível. Assim adquiri uma aptidão nova. Até ali fôra-me sempre impossível beber «whisky». Detestava o gosto desta bebida. Mal podia compreender como tantos camaradas meus bebiam, com prazer, «whisky» e soda. Gostava de vinho tinto ou branco, e, sobretudo, de «champagne». Em ocasiões solenes bebia mesmo um copo de aguardente. Mas não podia suportar o «whisky». Fazia um calor terrível. Para beber havia apenas chá, água com sumo de limão e «whisky». Isto durante cinco dias. Embora o calor me não incomodasse muito, decidi-me pela pior solução. Para esta resolução concorriam factores morais que é necessário ter em conta. Eu queria satisfazer plenamente as exigências do serviço. A primeira condição, para isso, consistia em dominar a fraqueza da carne.

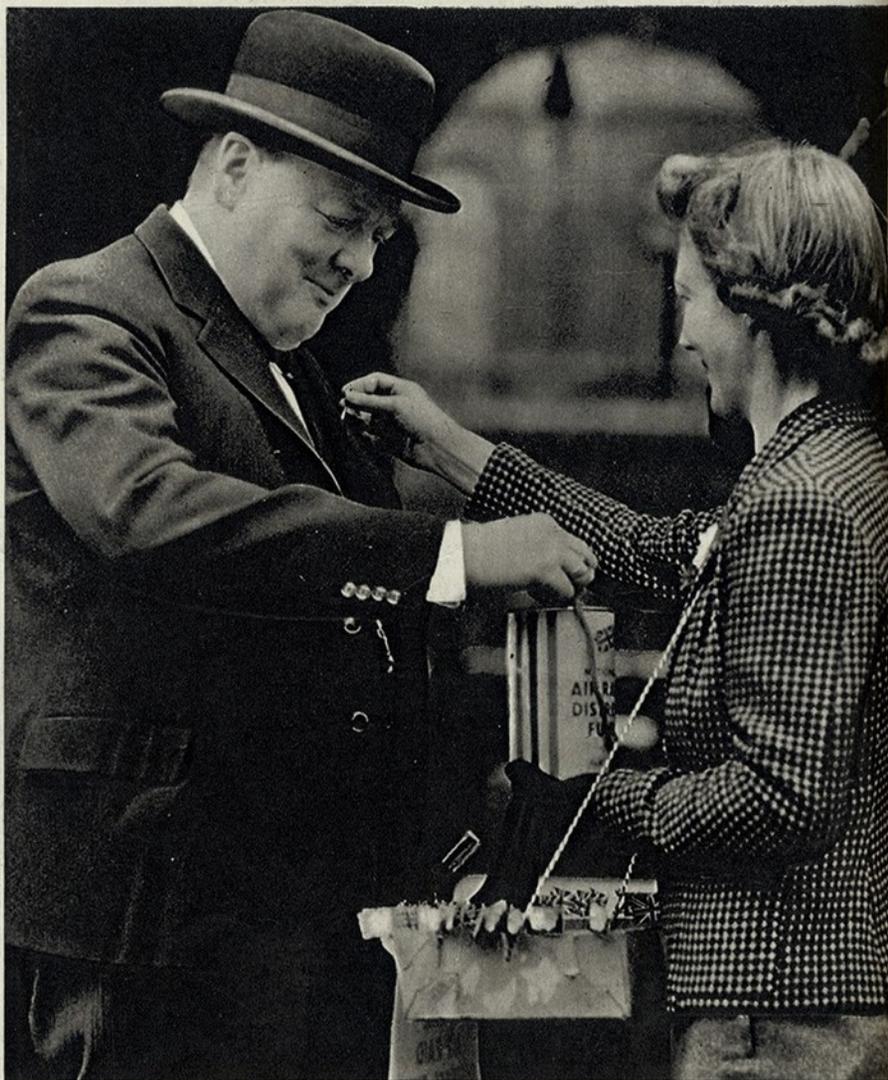
A moda do «whisky» era nova em In-

giaterra. Meu pai, por exemplo, nunca se teria sujettado a beber «whisky», a não ser na caça, em terrenos pantanosos ou em qualquer sítio gelado e deserto. Viveu no tempo do «brandy e soda», que era uma bebida muito mais respeitável. Examinado hoje o problema, com imparcialidade, depois de madura reflexão e de numerosas experiências, posso garantir que, para uso cotidiano, o «whisky» é, na sua forma diluída, a melhor das duas bebidas.

Já que fui desviado para tratar este assunto, quando me encontrava alçando o passo de Malakand, quero acentuar a diferença da educação dos estudantes universitários e dos jovens oficiais, naquele tempo. Os alunos de Oxford e

Eu fôra educado na convicção de que as pessoas que se embriagavam eram desprezíveis. Exceptuavam-se os casos especiais, como festas e aniversários. Gostaria mesmo, nesse tempo, de castigar severamente os estudantes pelo mau uso que faziam daquilo que sempre considerei um dom dos deuses. Naquele tempo eu era contra os alcoólicos, os proibicionistas e todas as vítimas de excessos. Agora avalio, com maior indulgência, a fragilidade da natureza humana que justifica todas essas extravagâncias. Os oficiais do meu tempo eram intolerantes. Julgavam que aqueles que se embriagavam e os que, pelo contrário, im-

(Continua na pág. 29)



A saída de Downing Street, o Primeiro Ministro é surpreendido por esta senhora, que anda recolhendo fundos para a «Cruz Vermelha», e pela objectiva do fotógrafo. Um sorriso de optimismo que diz tudo



Uma lição prática de geometria. A primeira noção de medidas de capacidade

Filhos de Heróis

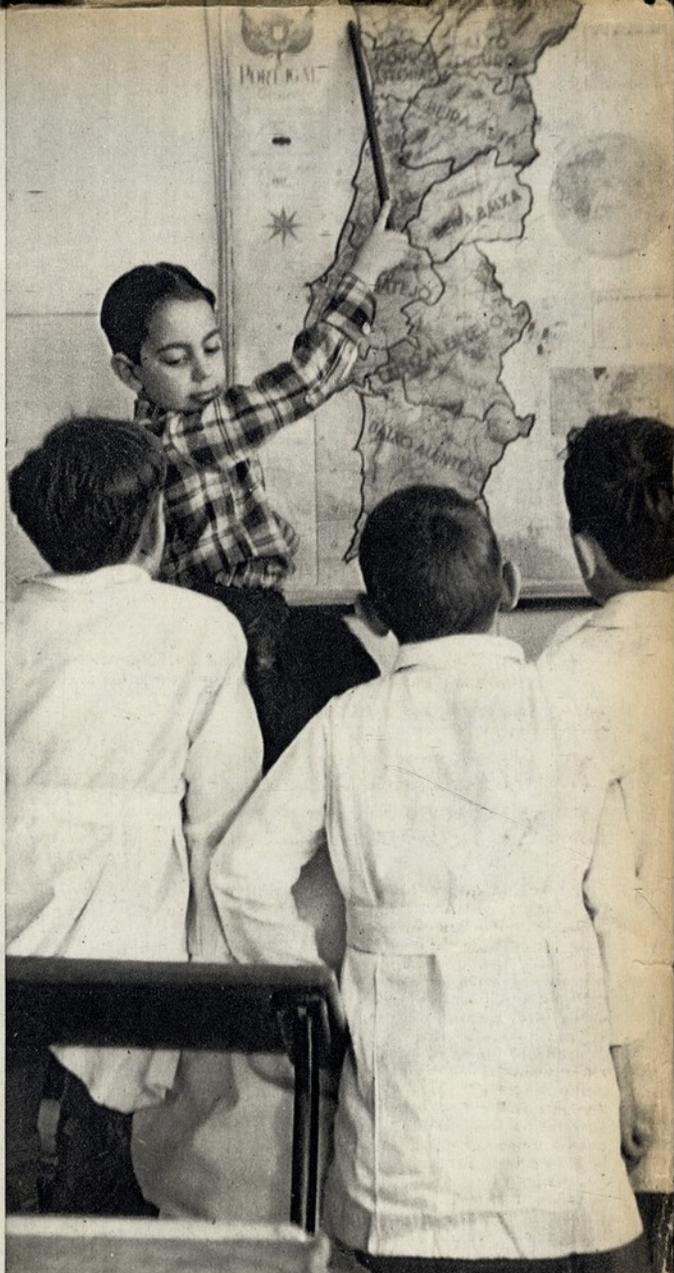
É uma escola pequenina, em Algés, perto do Tejo, que é símbolo de glórias e conquistas. Também ela é um símbolo, humilde muito embora, do heroísmo dos que se bateram na outra guerra — a “Grande”! E’ lá que os filhos de alguns soldados de 14 dão os primeiros passos para a vida, sob o olhar atento dos mestres e o carinhoso patrocínio dos veteranos de África e da Flandres.

E’ a primeira escola das que a Liga dos Combatentes da Grande Guerra ofereceu aos filhos dos seus associados, e confiou à sua Agência de Oeiras.

Estabelecimento modelar, dispõe de óptimo material didático e é freqüentado por uma numerosa população escolar. De 1930 a 1941 foram dispendidos, com a sua manutenção, 104.455\$80. Só no ano passado, teve setenta e seis alunos, cinqüenta e cinco do sexo masculino e vinte e um do sexo feminino. No final do ano lectivo, organizou-se uma Colónia Balnear na Cruz Quebrada onde estagearam quarenta e dois alunos.

Este ano, a escola abriu com uma freqüência de sessenta crianças de tôdas as classes e, na sessão inaugural, foi distribuído aos doze alunos aprovados na quarta classe, dos quais três distinções, o “Prémio Madame Carmona”, instituído pela esposa do sr. Presidente da República.

O ambiente é de encantadora familiaridade. Lá nos sentimos regressar àqueles tempos descuidosos em que nos pegavam carinhosamente na mão para a guiar nas primeiras letras e a vida decorria sem nos apercebermos das calamidades que pesam sobre o mundo. Eis como os filhos dos heróis aprendem a ser portugueses, recordando as façanhas gloriosas de seus pais, na história pátria, a História de ontem.



«Esta é a ditosa pátria minha amada»



As primeiras letras. Ao mais pequenino da aula, a professora ensina a posição correcta de escrever



As quatro operações. Não se assustem! É uma conta de somar com duas parcelas

A DUPLA VITÓRIA DE TOBRUK



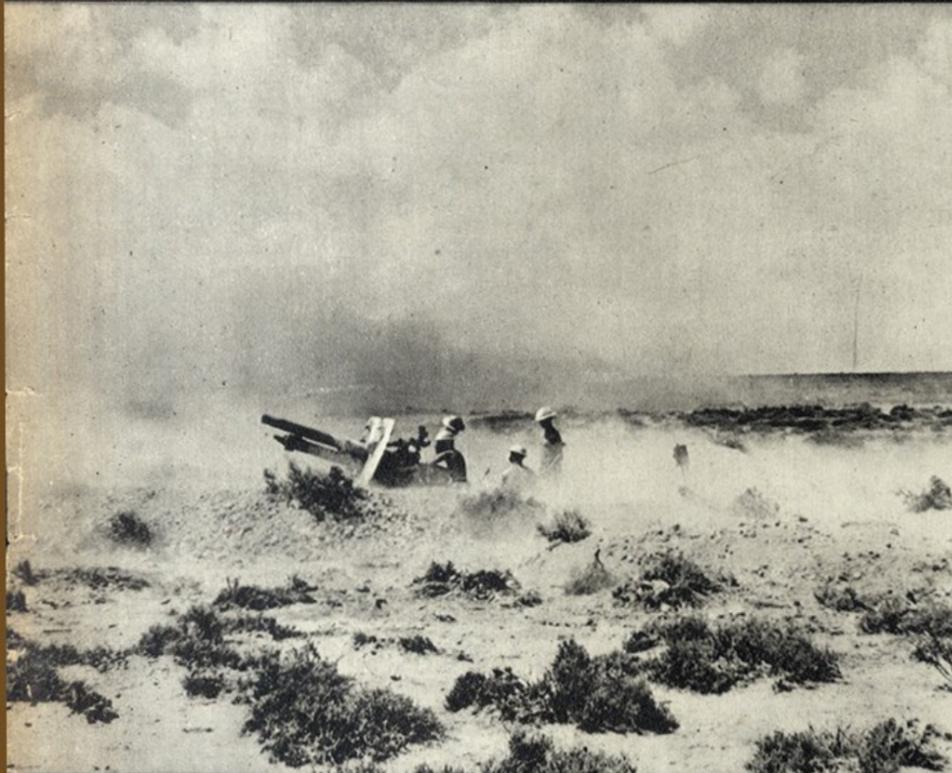
A primeira vitória de Tobruk foi quando as demínutas forças do general Wavell irresistivelmente conquistaram a cidade, capturando várias divisões italianas; a segunda, uma das mais notáveis façanhas da história militar de todos os tempos, é a heróica resistência a um cerco que dura há seis meses. Eis um aspecto do porto com navios italianos afundados



São assim os veteranos de Tobruk. Um ferimento em combate que é pensado por um camarada



Assim está Tobruk. Muitas casas desmoronadas, mas intacta e cada vez mais ardente a coragem dos seus defensores. São os maiores heróis desta guerra, e pode uma ou outra vez escassear o tabaco ou a loura cerveja da Ilhã, mas o bom humor, a decisão e a valentia que torna extraordinários estes homens aumenta cada dia que passa



A tenacidade britânica é invencível. As baterias de Tobruk fazem constantemente fogo sobre o inimigo, destruindo as suas fortificações. O calor e a pólvora queimam os heróis e, no alto da cidadela, a bandeira inglesa flutua orgulhosamente



O inimigo não consegue destruir a calma dos defensores de Tobruk. Um grupo de aviadores joga as "damas."



Os tanks e os canhões são reparados pelos soldados, nos intervalos dos alertas aos parapeitos da cidadela gloriosa. Uma oficina de serralharia, admiravelmente camuflada numa das ruas principais



Uma das famosas patrulhas de Tobruk, das que, tanto de dia como de noite, se internam em território inimigo e o surpreendem com audaciosos golpes de mão



Um canto do club, que nos evoca um daqueles salões graves e calmos de Belgrave Street

UM CLUB DE SENHORAS

Calmo, discreto, sóbrio — bem inglês — a característica que a estas se adiciona e as domina cabe num outro adjectivo simpático e raro: *senhoril!* E' de ver o desinteresse nobre com que qualquer das cento-e-muitas sócias dêste Club prossegue lendo, tricotando ou simplesmente repousando num "maple,, entre quem entrar, saia quem sair... Não é questão, aqui, de indiferença: trata-se de civilidade bem entendida. A mexeriqueira avidez de enredos, o comento depreciativo de "toilettes,, os murmurados ecos de maledicência — não têm ingresso no calmo, discreto, sóbrio e senhoril "Lisbon Ladie's Club,, — reflexo de Londres a uma esquina do Chiado.

Tôda a colónia inglesa faz parte da suave agremiação (cujá divisa anterior era "Grémio Feminino de Lisboa,,), mas contam-se também senhoras portuguesas, polacas, checas, etc..

Antes de se fixar nesta Rua Nova da Trindade, o club passou pela Calçada do Combro e pela Travessa de André Valente; também *passou* (como quási tudo quanto é prestimoso e não "tapageur,,...) por algumas dificuldades financeiras...



l'ma chávana de chá e uma ilustração londrina com imagens da guerra

— “... Mas, hoje, o movimento crescente — embora as admissões sejam rigorosamente condicionadas — é tal que encaramos a hipótese de nos transferirmos de novo, para mais ampla sede, — informa-nos a diligentíssima secretária, nascida de mãe portuguesa e falando a nossa língua, sem sotaque nem hesitações.

— “Como vê — percorríamos, agradados, as elegantes dependências... — o nosso Club, pacato e aberto das dez horas da manhã às dez da noite, é uma colmeiasinha de actividades... Além dos almoços, jantares e “bridges”, votamo-nos a obras de caridade; muitas senhoras inglêsas, viajando sòzinhas, encontram aqui quartos e um *clima* familiar, *compreensivo*, que os palaces ruidosos não podem dar”.

Da sala de jantar, florida e clara — com telas nas paredes, pintadas por Evelyn Ruffer na beirã Parada de Gonta (beço de Tomaz Ribeiro), passámos à recolhida biblioteca, dona de mais de 3.000 livros e constantemente acrescida.

— Na Comissão de gerência, cada *senhora-superintende* num “*pelouro*,” — foi a expressão feliz achada, a sorrir, pela nossa distinta introductora. “Em cada ano, é prestado o balanço das contas. E, antes da Guerra, pelo Natal, organizávamos sempre uma festa; um bazar ou “Christmas Market,” para o qual as sócias faziam trabalhos (*tinham de ser feitos por elas próprias*) que o Club colocava. Hoje...”

Os olhos pousaram num cartaz a elogiar a acção heróica da MARINHA MERCANTE BRITÂNICA.

Para este relato discreto fechar em deslumbramento, resta dizer que a presidente de honra do “Lisbon Ladie’s Club,” é sempre a senhora Embaixatriz de Inglaterra.



Uma inglesa... morena como as portuguesas. Um dito de espirito que provoca um sorriso



Ao fim da tarde. Depois dos trabalhos de costura joga-se uma partida de «bridge»



Trabalhando em malhas para os tripulantes da marinha mercante britânica



Uma praça de Moscovo, curiosamente camuflada

A Campanha de Leste

OS RECURSOS DA U. R. S. S.



Camponesas russas

QUANDO o Reich, em 22 de Junho, desencadeou a sua ofensiva contra a U. R. S. S. o objectivo que tinha em vista era evidente: penetrar em território russo, lançar uma flecha rápida em direcção à capital, destruir o poder político dos soviéticos e liquidar assim, segundo os métodos empregados a ocidente, a resistência a leste. Era essa a fórmula da guerra relâmpago a usar contra um inimigo cujos recursos em homens e matérias primas constituíam um perigo enorme para a condução da luta por parte dos alemães.

Em Julho, um mês depois de iniciada a luta, as forças blindadas do Reich alcançaram Viazma, a duzentos quilómetros de Moscovo. Não puderam manter-se nesta posição, e a batalha gigantesca de Smolensko marcou o ponto mais próximo da penetração alemã. Com a experiência adquirida, as concepções dos dois adversários modificaram-se. Tácitamente, dum e doutro lado, aceitou-se o princípio da divisão da frente em três sectores, o norte, o centro e o sul.

Os russos opuseram uma resistência encarniçada, libertando-se, sempre que isso lhes foi possível, das manobras do cerco gizadas pelo adversário, defendendo as principais cidades com tropas numerosas e bem equipadas, destruindo os campos, as fábricas e as minas quando não estavam em condições de continuar a defendê-las.

O aspecto económico é, para os alemães, como para os russos, essencial numa luta em que o desgaste de material atingiu proporções inesperadas. Os dois adversários estão decididos a continuar o duelo em que se envolveiram numa campanha de inverno. Quais são os recursos naturais de que a U. R. S. S. dispõe para alimentar essa campanha?

A região de Moscovo (4 milhões de habitantes), até Tula, encerra importantes fábricas de armas, o mesmo podendo dizer-se de Leninegrado (3 milhões de habitantes) onde se encontram as fábricas de munições Pontilov.

Além destas, duas cidades, Karkov (800 mil habitantes) e Rostov (500 mil habitantes), que são objectivos imediatos do exército alemão, constituem centros produtores importantes para a indústria aeronáutica e máquinas pesadas. As regiões que circundam o mar de Azov têm importantes jazigos de ferro.

A U. R. S. S. continua a dispôr dos seguintes elementos para continuar a resistência: o petróleo do Cáucaso (campos petrolíferos de Baku, Grozny e Maikop com uma produção anual de trinta milhões de toneladas); os recursos mineiros da república de Kazakstan (a leste do Mar Cáspio); a organização industrial dos Urais; o centro carbonífero de Kuzbass.

A leste do Volga há uma região fortemente industrializada formando um rectângulo densamente povoado no qual se encontram as seguintes cidades: Sverdlovsk (450.000 habitantes), Chelyabinsk (300.000 habitantes), Ufa (250.000 habitantes), Maguitoorsk (150.000 habitantes) e Nizlim Tagilsk (175.000 habitantes). Mais para leste encontra-se outra região industrial constituída pelas cidades de Novosibirsk (400.000 habitantes), Stalinsk (200.000 habitantes), e Kemerovo (135.000 habitantes). Na zona dos Urais há terrenos petrolíferos em exploração e na Sibéria a região carbonífera de Karaganda.

Não são os recursos naturais que, mesmo depois das perdas suportadas, faltam à U. R. S. S. para continuar a luta.

Essa continuação depende essencialmente da organização industrial (indústria pesada e fábricas de armamento) que esteja em condições de utilizar os recursos em carburantes, carvão e metais de que os soviéticos continuam a dispôr. Pelo que diz respeito a armas (espingardas, metralhadoras, peças de artilharia) e munições as necessidades dos russos não parecem prementes. Mas nada de positivo se sabe quanto às fábricas de tanks e aviões instaladas nos Urais.

Carlos Ferrão



A BORDO DE UM SUBMARI-
NO INGLÊS, NO
MEDITERRANEO CENTRAL ● O
COMANDANTE, NA SALA DE CON-
TROLE, VIU ATRAVÉS DO PERIS-
CÓPIO ALGUNS NAVIOS ITALIA-
NOS MERCANTES DIRIGINDO-SE
PARA TRIPOLI ● DADAS AS RES-
PECTIVAS ORDENS, OS TORPEDOS
SÃO INTRODUZIDOS NOS TUBOS
● OS MARINHEIROS AGUARDAM
A VOZ DE... FOGO! ● UM SULCO
PRATEADO ● ALGUNS SEGUNDOS
DE ANSIEDADE ● UM CLARÃO
ENORME E UM GRANDE TRANSPOR-
TE É ATINGIDO NA LINHA DE
ÁGUA ● «BRAVO, RAPAZES!» ● E,
MOMENTOS DEPOIS, SEGUNDO
TORPEDO ALCANÇA O ALVO DES-
TRUINDO OUTRO MERCANTE ●
A ARMADA INGLESA CONTINUA
A DOMINAR O MEDITERRANEO

FIGURAS E FACTOS



O sr. Presidente da República condecora um funcionário municipal durante a sessão solene comemorativa do aniversário da tomada de Lisboa, nos Paços do Concelho



O major Clement Attlee, Lord do Sêlo Privado da Grã-Bretanha, quando há dias passou em Lisboa a caminho dos Estados Unidos



O Chefe do Estado, com o sr. Cardial Patriarca e alguns membros do Governo, inaugura o bairro de casas económicas da Boa Vista



Realizaram-se em todo o País as eleições administrativas. Numa assembleia de Lisboa os eleitores entregam as suas listas



O sr. presidente do Município de Lisboa condecorando alguns sapadores bombeiros, quando das festas comemorativas da conquista de Lisboa

cantai

conosco!

Lá em cima está o tiro-liro-liro
Cá em baixo está o tiro-liro-ló,
Juntaram-se os dois à esquina
A tocar a concertina
A dansar o solidó

EM INGLÊS:

*High up top is old man tiro-liro-liro
Down beneath is young tiro-liro-ló
The two of them met at the corner
To play the concertina
And dance the solidó*





A graciosa Miss Mary Churchill em idade militar. Em virtude de só agora ter completado 18 anos, a filha do Primeiro Ministro é a última pessoa da família que se alista nas forças que defendem a Inglaterra. Está-se treinando nos serviços auxiliares da defesa contra aviões



A Rainha Mary é a avó da Inglaterra. Nela se recordam as nobres virtudes de Jorge V que venceu a guerra de 1914. Ao lado da bandeira do Império, ela é o augúrio da vitória



Um veterano da guerra no deserto africano. Um sorriso triunfante, uma barba crestada pelo sol ardente da Líbia e a sua mascote de marinheiro



As raparigas das fábricas de munições da Gran-Bretanha visitam os acampamentos militares. É o seu baptismo de fogo. O ribombar do "blitz", e souberam resistir. Muitas das granadas foram fabricadas por elas com nobre

devoção patriótica



Os Serviços Auxiliares do Exército da Inglaterra estão confiados a mulheres. Todas elas se apresentam voluntariamente e com grande entusiasmo, treinando-se instensivamente. Eis uma patrulha de motociclistas atravessando rapidamente um rio

SPORT

A mulher e o desporto

A mulher portuguesa parecia, até há muito pouco tempo, ter o horror do desporto. Considerava-o, até, não sabemos bem porquê, uma ofensa à sua feminilidade, teimando em não querer ver os benefícios que poderia obter para a sua saúde e para a conservação da sua beleza, da prática da educação física e dos desportos que melhor se adaptam às suas possibilidades e ao seu temperamento. O exemplo que lhe vinha doutros países, principalmente de além-Atlântico, onde a mulher não troca o campo de jogos pelos institutos de beleza, não lhe bastava. Mas, uma intensa e proveitosa propagação dos desportos femininos modificou o ambiente desportivo português. A Mocidade Portuguesa Feminina, exercendo a sua acção na população escolar, e as colectividades desportivas na sua massa associativa, conseguiram introduzir na juventude o gosto pela educação física, enaltecendo-lhe o somatório de benefícios que ela poderia proporcionar-lhe.

Evidentemente que nós nunca defendemos o princípio de que a educação física deve tender para a preparação pura e simples de atletas capazes de estabelecer *records*. A competição deve ser um estímulo e não uma finalidade. Caso contrário o homem animaliza-se. O campeão tem uma vida exclusivamente subordinada à sua condição de atleta. Por isso combatemos, pessoalmente, a estrutura actual dos jogos olímpicos. Eles deviam ser, quanto a nós, grandes paradas desportivas. Quere dizer: estabelecer-se-ia que o homem robusto deve correr os cem metros em tantos segundos, saltar tanto em comprimento e tanto em altura, lançar o disco e o pêso a tal distância, etc., e o país que proporcionalmente à sua população apresentasse maior número de indivíduos de um e outro sexo satisfazendo às condições estabelecidas, seria o vencedor.

Isto corresponderia melhor à verdadeira finalidade do desporto, afinal aquela que justifica a razão porque ele deve ser extensivo à mulher: aperfeiçoamento das qualidades físicas dum povo. Ignoramos que o atleta puro alguma vez tivesse contribuído para o desenvolvimento da civilização. O homem máquina, o homem bestializado pela cultura exclusiva dos músculos não serve. É no perfeito equilíbrio entre as possibilidades intelectuais e físicas que reside o limite para que devem tender os nossos esforços.

E. C.



Um belo salto em altura de Maria Ester Moura Cabral, «recordwoman» de Portugal desta modalidade



A luta vai ser renhida. Uma excelente largada para os oitenta metros planos



Cecilia Silva, que demonstra um estilo magnífico, corta a meta dos cem metros estabelecendo novo record nacional



Uma das mais completas desportistas nacionais: Maria Helena de Sá. Ela-la lançando o pêso

PÁGINA FEMININA

de Aurora Jardim

A Moda de 1942

Antigamente, era a mulher que se devia sujeitar à moda. Não tinha mais que fazer... Hoje, como lá fora quasi todas as mulheres trabalham, é a moda que se dedica à mulher.

Por isso, ela é este ano, duma forma geral, muito prática, começando pelo vestido-camisoleiro e acabando no casaco solto e simples, género alfaiate.

Mas, é claro que há sempre o vestido de cerimônia, de tarde, e aí a fantasia já tem mais por onde se espraçar: manga pull faz sport; em jersey ou veludo sobre uma blusa de cetim ou lamé com braço bordado, faz cerimônia.

No género simples, a saia com alças, deste verão, continua a vêr-se e dá dois aspectos diferentes: em lá sobre um pull faz sport; em jersey ou veludo sobre uma blusa de cetim ou lamé com braço bordado, faz cerimônia.

O ombro deixa de ser triangular e arredonda-se, o decote tem leve tendência para se abrir um pouco, os botões deixam de ser guarnição fácil, as golas de pele, dos casacos não são muito grandes, apreciando-se mais o corte do que a quantidade.

Os casacos de sport continuam a ser muito amplos e direitos, aparecendo, no entanto, alguns cintos largos a recolher a roda. Fazem-se em duas cores absolutamente contrastantes. Por exemplo: azul com bandas e algibeiras em vermelho-tomate. Estas cores parecem dissonantes mas a moda ordena que harmonizem.

Côres de hoje: «Cinzento» com várias tonalidades misturadas, como que diluídas no tom principal: encarnado, verde, roxo, azul. «Folha-morta» sempre a cor do outono. «Rubina». E algumas nuances entre: verde escuro e castanho; vermelho e castanho, turquesa e beige. E, também, os tons que vão do ciclame ao violino e ao roxo.

E aqui estão, minhas senhoras, os primeiros ecos da moda de 1941-1942.

Sandúches variadas

Fazem-se hoje de tudo quanto há, não é? Aqui temos ainda mais sugestões:

— Misturar beterrabas cozidas com sardinhas de conserva. Formar a massa e barrar o pão como se fosse manteiga.

— Uma fatia de pão de centeio. Em cima metade dum ovo cozido. Em vez da gema, uma anchova enrolada.

— Omelette finamente picada com agridões. Pão com manteiga.

— Miolo barrado de mostarda. No centro camarões e pedacinhos de rabanetes.

— Salada com mostarda barrando miolo com manteiga e queijo ralado.

Os Dedos — Como são os seus? Já aprendeu a conhecer as mãos, pela sua forma?

Ora agora repare nos dedos e estudo-os.

— Dedos espessos ou espatulados (achatados) são materialistas.

— Dedos finos: intelectuais.
— Dedos compridos: pacientes.

— Dedos curtos: impetuosos.

— Dedos lisos: espontâneos.
— Dedos nodosos: reflectidos.

— Dedos quadrados: enérgicos.

— Dedos ponteados: artistas.

A vontade tem a sua sede no polegar: é forte quando é comprido e fraca quando é curto. A personalidade é evidente se é nodoso e fraca se é liso.

A medicina antiga punha em correlação os três dedos principais com três órgãos de grande importância: fígado, bife e coração — respectivamente: indicador, médio e anelar.

O gesto também é indicio de carácter. Os trapistas são duma grande eloquência... de mãos. Os surdo-mudos fazem-se compreender lindamente. Os povos orientais têm milhares de gestos correspondentes a ideias. E os apaixonados também.

A mão... os dedos — reflexo das nossas paixões e dos nossos desejos, quantas vezes falam mais do que a boca!...

O Bêbê está quasi a nascer

E a futura avó, que é uma pessoa previdente, trata de ter em casa tudo que é preciso para o momento em que o seu netinho vier ao mundo.

Querem saber em que consiste esse tudo?

No seguinte:

Algodão hidrófilo 500 grs.

2 ou 3 frascos de glicoforol — (uma colher de sopa para 2 litros de água morna).

1 limão — para os olhos da criança.

3 pacotes de gaze sublimada.

1 boião de vaselina esterilizada, horticada — 30 grs.

Vaselina simples para limpar a criança — 500 grs.

Cinco litros de água fervida, fria.

Água fervida quente — 12 litros.

Dois oleados de cama.

Duas esponjas finas para o bêbê.

Tesoura.

Um frasco de sabão esterilizado.

Uma escova de unhas.

A banheira pequena.

Roupinha aquecida.

Alfinetes de ama.

Balança.



É DESPORTISTA?

Este casaco não lhe fica mal, decerto, para guiar o seu automóvel

Verdades

Quando éle se foi embora era meia noite. Ficaram zangados. Quando éle voltou era meio dia.

E ela, que passara a noite em claro, não teve então vontade de mais nada, no apaziguamento súbito que à sua alma desceu: dormir. Dormir, mas nos seus braços.

E' o nome de outro, de outros, mas como é igual ao seu, é um nome único. Diga qual é... Repita. E' feliz?

Não passamos de fichas à espera do casier definitivo.



CHEGOU O FRIO!

Aqui tem, minha senhora um elegante casaco

Sonho Desfeito

NOVELA DE EUGÉNIO VIEIRA

OH!... aquela janela!... Mas... era, para êle, a um tempo, bela e horrível!... Sempre escura lá dentro, via-a preenchida à superfície por um entrelaçado de plantas eternamente verdes, que se engrinaldavam de flores. Ficava à beira da linha e, quando êle passava, sentia uma irresistível vontade de contemplá-la. Mas resistia; fechava os olhos; o combóio passava e... pronto! Nem sempre, porém, aquilo fôra assim. Outra absorvia-se nela e sentia-se muito bem contemplando-a. Agora, se adregava de não resistir à tentação, sentia um mal-estar avassalador e como que corrosivo, uma ansiedade inexplicável, misteriosa.

Mas... misteriosa?!... Bem pensando, não...

Concatenava idéias... Fôra numa tarde estival que ali a vira, pela primeira vez. O seu vulto branco como que surgira, irropendo daquela moldura de verdor, em atitude sonhadora e calma. Ao ver que êle a

fitava, ela envolvera-o num longo olhar, como se quisesse decorá-lo, como se a sua alma quisesse absorver a dêle ostensivamente.

Sempre que passava e a via, sentia-se tomado da vertigem do sonho... Aqueles cabelos finos, dum loiro doirado, na pele duma alvura sedutora, davam-lhe ao rosto de bem contornada oval os tons duma figura de santa de painel gótico, tanta era a calma serenidade do seu rosto! Vira-a e amara-a, sonhando nela uma heroína de balada. E, então, punha-se a fantasiar nela uma alma dúcida, nórdica, pacífica e contemplativa. Casta? Decerto... E, na sua mente, confundia-a com a imagem de algum cisne humanizado, alguma ave de lenda, absorvendo na cútis fina frescuras transparentes, névoas tênues e como que espiritualizadas, luz suavíssima atenuada de coloridos fugaces, que se degradasse por nuances harmoniosas e quasi imperceptíveis à beira dos fiords..»



Era assim que êle se embalava, num verdadeiro sonho de amor, um amor dos vinte anos, amor de poeta que sonha e quer saber os segredos da vida, mas que sente que é cego, porque lhe escapam as realidades, que antevê apenas como que veladas... Ela sorria-lhe vagamente e êle embriava-se, cada vez mais, no seu sonhado encanto.

Um dia, empreendendo romperia aquela névem tênue e rósea do seu idealismo, atreveu-se a fazer-lhe adeus. Ela respondeu-lhe com um sorriso e êle julgou que se lhe abria o céu!...

De outra vez, a furto, pôs a mão no coração. Ela fez outro tanto e não se limitou a isso. Nas pontas dos dedos delicados, em que dir-se-ia florírem pétalas de rosa, enviou-lhe um beijo...

Então, a alma dêle vibrou, ardente de desejos. Começou a sentir uma vontade irresistível de passar à sua porta, mas adliava sempre o acontecimento, num vago receio de quebrar o seu sonho... Mas, pensava: tinha de ser... Iria, primeiro, de noite, para evitar indiscretos e como para assenhorear-se pouco a pouco do terreno... Assim pensando, sentia o coração espicaçado por uma chama constante, de amor e de curiosidade. Até que uma noite, não podendo mais, foi-lhe passar por debaixo da janela.

A rua acima, com cautela de ladrão; dobrou a esquina amortecendo os passos; espreitou e, quando passava por de frente viu, na janela ilumi-

nada, através das cortinas e por entre o entrelaçar das plantas, dois vultos, um de homem outro de mulher, os rostos inclinados um para o outro, as mãos entrelaçadas. De repente, as bocas aproximaram-se, fundiram-se, num beijo muito terno, muito demorado... Ficou todo trémulo. Sentiu, debaixo dos pés, o chão como que a fugir-lhe. Um arripio lhe percorreu o dorso e um afogamento lhe invadiu o rosto. Pôs-se a caminhar depressa, abafando quanto possível os passos, sustentando a respiração. E encolhia-se, como querendo eclipsar-se, entrar pelo chão, não fôsse abrir-se aquela janela, não fôsse ela vê-lo, rir-se da sua ingenuidade, do seu descuidoso sonho, do seu amor tão puro!...

Naquela noite não dormiu, cheio de ódio, de mágoa, de ciúme, de revolta, de despeito, mas, sobre a madrugada, serenou. E, de dia, ao passar no combóio, sentia-se já um tanto calmo, preparado para a vér... Olhou-a tão firme quanto pôde. Ela lá estava com o seu lindo sorriso, com o seu olhar calmo e envolvente, com a sua oval de santa emoldurada pelos seus cabelos de ouro.

Fazendo um grande esforço sobre si, êle sorriu-lhe muito docemente e pôs a mão sobre o coração. Ela fez outro tanto e não se limitou a isso. Nas pontas dos dedos delicados em que dir-se-ia florírem pétalas de rosa, enviou-lhe um beijo...

E foi tudo. Estava o sonho desfeito...

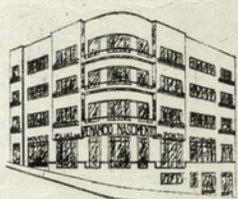
Oh!... aquela janela!...



SEDE NO PÔRTO
Rua do Bomjardim

**VENÂNCIO
NASCIMENTO**

MÓVEIS
DECORAÇÕES



FILIAL EM LISBOA
Rua Rodrigues Sampaio

CRÓNICA ALEGRE

Por causa das horas

HÁ dias estava eu a conversar à esquina da rua do Ouro com o meu velho amigo Policarpo. Falávamos de futebol. Éle entusiasticíssimo com a linha de ataque do Sporting, eu encantado com a enérgica defesa do Benfica, que tão boas proras está a dar no campeonato. Estávamos no auge da conversa quando se aproximou de nós um cavalheiro que se dirigiu ao Policarpo e, com um ar delicadíssimo, perguntou as horas.

Secamente, o meu velho amigo respondeu que não tinha horas e o cavalheiro, depois de agradecer com um lindo sorriso, foi-se embora.

Eu fiquei intrigado. O Policarpo que é a amabilidade em pessoa e, para mais, tendo relógio, recusar-se a dizer as horas... Não me contive e disse-lhe:

— O' Policarpo! Isso nem parece teu. E's tão amável e, tendo relógio, negas-te a dizer as horas?!

— Que queres? — retorquiu o meu amigo. — Foi para evitar conversas. E' depois explucou-me:

— Como sabes, eu sou uma pessoa que gosto de convívencia. O homem que me pergunta as horas tem um ar amável e, por certo, me agradece. Eu respondia-lhe que estava sempre às suas ordens. Éle, para corresponder, também se punha às minhas ordens e, se calhar, convidava-me a tomar café. Eu, para não ser mal-

creado, ia. Daqui, nascia uma amizade, porque, como sabes, eu gosto da convívencia. Amanhã encontravamo-nos outra vez, depois, a mesma coisa e assim sucessivamente. Vamos tomar café e cavaquear. Ora, eu pelo-me por conversar e em encontrando uma pessoa da minha força e, para mais, simpático como aquê, não resisto. A certa altura, como eu gosto muito de convívencia, convidava-o a ir a minha casa jantar. Ele aceitava. Ora, como sabes eu sou casado. Apresentava-o a minha mulher e éle ficava sendo nossa visita. Voltava lá noutro dia, depois noutro e tornava-se íntimo da casa, porque tu sabes muito bem, eu gosto de convívencia. Passava a lá ir jantar um dia, passar a noite noutro ocasião e, não te digo mais nada. Eu tenho uma filha, por sinal bem bonita e em idade de casar. Como eu gosto de convívencia, éle passava a lá ir todos os dias e a minha filha simpatisava com éle.

Começavam a conversar os dois, primeiro em coisas banais, depois namoraram-se e, um belo dia, éle pedia a minha filha em casamento e isso é que eu não quero.

— Mas porquê? Perguntei eu já cansado só de o ouvir.

— Não quero — respondeu-me o Policarpo — porque era uma desgraça. Pois se éle não tem dinheiro para comprar um relógio como é que tem dinheiro para casar?!

Morçal Saldanha

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

(Continuação da pág. 14)

pedem os outros de beber merecem severo correctivo. Sob este ponto de vista a grande guerra, para os homens que a fizeram, foi uma grande lição.

Durante aqueles cinco dias fiz os meus preparativos para hipótese do regimento entrar em acção. Comprei dois bons cavalos, contratei um «groom» e completei o meu guarda roupa de campanha. Infelizmente para éles na semana anterior tinham sido mortos muitos officiaes. Os seus bens, incluindo fardamento e equipamento, eram, segundo um costume tradicional, vendidos em leilão. Assim consegui adquirir rapidamente aquillo de que precisava. De começo pareceu-me horrivel ver as coisas da intimidade dum camarada de véspera — o fato, as camisas, o revólver, a marmitta — distribuidos, sem cerimonia, por extranhos. Reflectindo bem, constatei que era lógico e estava de acôrdo com os principios de economia. Esses objectos não podiam ser comprados por menor preço.

A DEFESA DA BARRA DE LISBOA HÁ UM SÉCULO

COMO seria a defesa do nosso principal porto — Lisboa — há um século, quando começava a desenvolver-se navegação a vapor e não havia a série de engenhos de guerra de hoje que causam o nosso pasmo?

Esta pergunta, que terá sido feita em face da propaganda da guerra, pelo leitor, encontra resposta num projecto curioso que nós agora, um século depois, achamos pitoresco e ingénio.

Trata-se duma «Memória sobre a defesa do porto de Lisboa», publicada nos *Anais Marittimos e Coloniaes* (n.º 1, Novembro de 1840) da Associação Maritima e Colonial, constituída em grande parte por officiaes da Armada, e de que é autor o official Feliciano António Marques Pereira, secretário da secção da marinha militar da mesma sociedade cultural. A memória começa por salientar a deficiência de barrar convenientemente a entrada do Tejo por meio de baterias lembra a propósito muito humanitariamente — como diversa era a guerra de outoral — a necessidade de cortar «de receber e repelir hostilidades no centro duma capital fazendo perigar a segurança e o sossego (!!) público».

Depois, sem grande intróito, numa clara linguagem objectiva, o autor da memória sintetisa o seu projecto:

«Entre a Torre de Belém e a Torre Velha, lugar mais apertado do Tejo ao occidente de Lisboa e que tem de largura pouco mais ou menos de 670 braças, se fechará o porto com duas ordens paralelas de correntes de ferro; as quais, apoiando ou passando por barcaças fundeadas no meio do rio, e por cima das pranchas ou jangadas que as conservem na flutuação, virão fixar-se em quatro maciços de cantaria, dois ao Norte e dois ao Sul, junto das mencionadas Torres».

Mas a entrada do porto? ocorrerá ao leitor.

«A passagem ou entrada do porto como acontece em todos os mais portos que são fechados com correntes».

A memória continua e pormenoriza:

«As barcaças que ao meio do rio devem apoiar as correntes, basta que sejam quatro para cada corrente, fundeadas a iguaes distancias de 90 braças umas das outras. Cada barcaça deverá estar fundeada a três ou quatro ferros, dois de

As despesas de transporte eram inexistentes. E o homem encarregado de fazer o leilão conseguia um preço mais elevado do que aquê a que a familia podia aspirar. O mesmo acontecia com os soldados. Nem por isso deixei de me sentir comovido, quando, pela primeira vez, enverguei o casaco dum camarada que vira morrer na véspera.

vão à enchente, e um ou dois de fragata ou corveta à vasantés.

Depois passa a mais pormenores:

«As mesmas barcaças, além de dois escóvãos de ferro à prôa e dois à popa para as suas competentes amarrações, dois grandes escóvãos mais, um a bombordo e outro a estibordo para passar por éles a corrente — porta, e todas as habitas deverão ser por baixo do convés. Nos intervalos das barcaças e entre estas e a terra serão distribuidas por baixo das correntes — portas, pranchas ou jangadas de paus cruzados, capazes de sustentar estas correntes numa flutuação permanente».

Mas como é que esta engrenagem se retiraria e colocaria facilmente? — outra pergunta se sugere.

«Tôdas estas correntes — diz a memória — tanto as da prôa como as das amarrações deverão ser emalhadas umas às outras e rebatidas por ferreiros a fogo de forja, e as barcaças cheias de cortiça e pregadas às escótilhas a-fim-de ficarem absolutamente insumergíveis, isto é, somente quando houver recio de próximo ataque do inimigo».

Nesse tempo não se previa o ataque súbito sem declaração de guerra. A memória prossegue:

«Em tempo de paz pode o porto estar perfectamente aberto, quer vindo porções da corrente porta de Oeste amarrar às barcaças de Leste e vice-versa, quer guardando-se tudo e ficando a entrada como se nada tivera; existindo porém para a ocasião necessária tudo pronto e perfectamente conservado».

Este projecto no entanto não eliminava o emprêgo da artilharia e assim refere:

«Em terra ao Norte e ao Sul deverão ser construidas as baterias necessárias para defender os approxes das mencionadas correntes — portas, incluindo-se no número destas algumas de morteiros, cujos projecteis são mui perigosos contra os navios».

E o autor salientava que «sendo estas baterias construidas enterradas não podem ser vistas nem demolidas».

A memória termina por propor o material de artilharia a empregar:

«Com muita vantagem podem igualmente ser applicados os canhões peixans de bala ôca ou de explosão, montados à barbata nas alturas do Sul do Tejo; bem como os brulotes de incendiador ou de explosão, fundeados na posição em que a esquadra inimiga pode tentar cortar as correntes».

Estes brulotes eram afinal as minas, torpedos fixos de então. Que nos diz o leitor após o resumo d'este projecto mirabolante? Como a eficiência militar de há um século não passam hoje de irrisórios, pitorescos e ingénios factos!



acabam a INDIGESTÃO

SOFRE de indigestões? E' em 80 segundos atormentado pela flatulência, acidez ou uma dor aguda no estômago? Está aqui o remédio que procura. Duas Pastilhas Rennie, dissolvidas lentamente na boca, dar-lhe-ão rápidos alívios. Não se fazem esperar os resultados d'este tratamento. Verifique como a dor desaparece à medida que chupa as pastilhas. Passados 80 segundos o excesso de ácido é completamente neutralizado e volta o bem estar.

O excesso de ácido é, geralmente, a causa das indigestões. A melhor forma de neutralizar a acidez é tomar duas Pastilhas Rennie. Estas pastilhas actuam de três formas. Contêm anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que activam a digestão. As Pastilhas Rennie são usadas e recomendadas por 1.198 médicos ingleses. Tôdas as farmácias as vendem.

PASTILHAS

RENNIE

NÃO PRECISAM ÁGUA

O EXÉRCITO DA ÍNDIA

tem já um milhão de homens

A contribuição dos Estados da Índia para o esforço de guerra do país, consolidando os vínculos já existentes entre a Índia e a Gran-Bretanha dá origem a novas relações entre os vários estados da Índia Britânica.

Muitas das tropas dos Estados da Índia estão a prestar serviço fora do seu estado de origem — na Índia ou no ultramar: os dirigentes estão prestando todo o possível auxílio ao governo da Índia no desenvolvimento das forças de terra, mar e ar; os Estados estão compartilhando com a Índia Britânica a expansão industrial para fins de guerra. Os Príncipes apoiando cordialmente a causa britânica incitaram ao abandono da controvérsia política, a fim de que nada possa tolher a plena expansão do esforço de guerra indiano.

Dos estados grandes e pequenos têm chegado importantes quantias de dinheiro. O «Nizan» de Hyderabad e de Berar, doou 150 mil libras para a aquisição de uma corveta para os serviços de caça a submarinos. Esta doação seguiu a entrega

de donativos no total de 150 mil libras de títulos americanos. O Marajá de Jwalior, além de contribuições iniciais de 7 1/2 lakhs de rúpias entregou 250 mil rupias. O marajá de Myzor entregou 6 lakhs de rúpias, dos quais 5 se destinam à compra de aviões e ao fundo do Lord Mayor. O Marajá Rana de Portbandar, enviou 120 mil rupias, destinando mais de metade a fundos especiais na Índia e na Gran-Bretanha.

Donativos para a compra de aeroplanos para a R. A. F. foram enviados do Marajá de Tramancor (150 mil rupias); pelo Marajá de Kolhapur (150 mil rupias), e pelo Nattukkattai Chettys de Pudukatal (77 mil rupias). O Marajá de Baroda juntou a um primeiro donativo de 45 mil libras mais 5 mil a fim de tornar a importância suficiente para a compra de um aparelho de caça destinado à Gran-Bretanha. A Comissão de Auxílio à Guerra de Alwar contribuiu com 140 mil rupias para dois caças para R. A. F. e 150 mil rupias para a compra de viaturas para uma unidade de transportes motorizados no exército indiano.

A fim de auxiliarem o plano elaborado pelo governo da Índia para instrução de mecânicos, os Marajás de Jaipur e Bhavnagar, bem como o Rajá de Jata colocaram aviões particulares à disposição das autoridades para fins de instrução. O Marajá de Baroda enviou ao vice-rei 50 mil libras para a compra de uma traineira caça-minas para a marinha real inglesa. E o Durbar de Vavenagar ofereceu material na importância de 460 mil rupias para servir às ordens do Almirantado.

Além de donativos em dinheiro os príncipes auxiliam as autoridades no alistamento de tropas para serviço na Índia e Ultramar. Homens de Jaipur, Patiala, Mewar, Bopal, Travancor, Jodpur e Indore estão agora servindo fora dos seus estados com as forças do Rei e Imperador, aumentando assim as tropas de outros estados que se alistaram no serviço, nos primeiros tempos da guerra.

O Nizan de Hyderabad comprometeu-se a financiar a instrução de 100 mecânicos da aviação no centro de instrução técnica de Hyderabad, de acordo com o plano patrocinado pelas autoridades do Ar, juntamente com a direcção da aviação civil. Também ordenou que fôsem instruídos vários mecânicos condutores com destino ao exército indiano, nas oficinas ferroviárias do Estado. Hyderabad e Jodpur estão actualmente discutindo propostas para organização para a África, acelerando assim a execução da política governamental da expansão da força aérea. Vários estados colocaram à disposição do governo oficinas técnicas e maquinismos industriais para o fabrico de munições; em muitos estados, os produtos florestais fornecem excelente material para fins de guerra.

Os estados que possuem facilidades industriais ajudam a aumentar a produção de fornecimentos. Hyderabad, Mysore e vários outros estados encontravam-se associados ao governo na conferência de

fornecimentos do Grupo Oriental, estando hoje em dia a colaborar com o Departamento de Fornecimentos da Guerra muitos Estados Indianos.

As empresas industriais de Mysore já aumentaram grandemente a sua produção. Os fornecimentos abrangem um vasto campo. A fim de auxiliar a produção de munições o Chefe de Travancore convidou o governo a realizar no seu estado a fiscalização da capacidade de produção, e as oficinas ferroviárias de Jodhpur estão sendo utilizadas no fabrico de munições. Foi autorizada a adaptação das oficinas ferroviárias de Baroda e Gwalior ao fabrico de munições.

Os representantes dos Estados encontram-se em íntima colaboração com as comissões consultivas provinciais, em Bangala, Madrastra, no Punjab, nas províncias unidas e em Sing. A importância deste acordo reflete-se na política comum dos estados e das províncias.

Os serviços dos estados são valiosos, ao resolverem dificuldades inesperadas. A queda dos italianos do norte de África fez recair subitamente sobre o Governo grande parte da responsabilidade da manutenção de milhares de prisioneiros italianos. A fim de auxiliar as autoridades a dispor satisfatoriamente de grande número de prisioneiros que chegou a este país, o Marajá de Mysore comprometeu-se a instalar 20 mil no mais curto prazo de tempo. Os campos de prisioneiros de guerra na Índia não podem ser instalados sem que se atenda previamente a considerações de clima, transporte, água, e facilidades eléctricas, mas as autoridades de Mysore montaram rapidamente um campo satisfatório, em condições de ambiente adequadas às circunstâncias.

A Índia, que na guerra passada mobilizou quatro milhões de homens, tem agora dos portos do Cáucaso ao limiar da Líbia um exército de um milhão de soldados.

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas { Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos



LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

VIAJAI EM PORTUGAL
NOS COMBÓIOS DA C. P.

INFORMAÇÕES

EM TODAS AS ESTAÇÕES

EM LISBOA: No serviço do tráfego - Tel. 2 4031
NO PORTO: Na estação de S. Bento - Tel. 1 272

NOVOS FILMES INGLÊSES

O cinema inglês continua! Não teme a adversidade, porque é forte! Constitue, hoje, um padrão de glória, porque encarna, vivo e palpitante, o génio imperecível da comunidade britânica!

Tanto se arreigou esta certeza, que há muito o nosso coração anda em festa!... E absolutamente justificada pela nova quota de produção dos estúdios londrinos. Nada menos de 12 filmes novos se encontram concluídos, estreados, em realização e em montagem. Apontamos alguns, que consideramos mais dignos de nota:

Spitfire: — Entrou em produção. O assunto traça-nos a biografia do célebre engenheiro e inventor R. J. Mitchell, que perdeu a vida na «batalha da Inglaterra», e a quem se deve os planos de construção dos famosos aviões de «caça» «Spitfire». O argumento foca os primeiros vinte anos da sua existência, inteiramente consagrada ao progresso da aviação. A realização está a cargo de Leslie Howard, o homem que fez «Pigmaleão», e que foi forçado a interpretar o papel de protagonista, que estava destinado a Laurence Olivier. Participa noutra importante personagem o festejado actor David Niven, que abandonou Hollywood para cumprir os deveres militares nas fileiras do seu país.

The Man and the Gate: — Um notável filme de Norman Walker, um dos mais veteranos realizadores do cinema britânico. O argumento, que foca admiráveis aspectos da vida típica inglesa, foi extraído de um poema da autoria de Miss E. Haskins. Principais intérpretes: Wilfrid Lawson, Mary Jerrold, William Freshman e Kathleen O'Regan.

Dangerous Moon Light: — Produção R. K. O. Trata-se de um filme de propaganda cuja acção decorre na Polónia. A crítica teceu-lhe rasgados elogios. Participam nos primeiros papeis Anton Walbrook, que se naturalizou cidadão inglês; Salby Gray e Derrick Marney.

Love on the Dore: — Um filme do realizador John Baxter, cuja estreia obteve um brilhante êxito de crítica e de público. O entrecho, que foi extraído duma peça de Ronald Gaw, é interpretado por Deborah Kerr, Clifford Evans, Mary Merrall, George Carney, Joyce Howard e Frank Cellier.

The Farmer's Wife: — O assunto é conhecido das nossas plateias através de um filme silencioso apresentado, há muitos anos, na tela do Tivoli, com o título «A mulher do lavrador». Era uma obra notável. A segunda versão, agora produzido e dirigida por Norman Lee e Leslie Arliss, é interpretada por Basil Sidney, Wilfrid Lawson, Viola Lyel, Bethy Warren, Nora Swinburne e Bunty Payne.

O cinema inglês continua. As provas estão à vista!

António Lourenço



Joel Mac Creo, Barbara Stanwyck e Brian Donlevy, numa imagem do film «The great man's lady»

Judy Garland vai dar brado esta temporada. Não acreditam? Mais tarde revelaremos o motivo

MUNDO GRÁFICO



Vitoriosamente
a
Gran-Bretanha
prosegue
a ronda dos mares
acossando
o inimigo